

PAÍS REGISTRA AUMENTO NAS TAXAS DE MORTES E DE INTERNAÇÕES DE MULHERES POR USO EXCESSIVO DE ÁLCOOL



No país, foram computadas 69 mil mortes e 335 mil hospitalizações associadas ao álcool em 2021, segundo relatório.

As taxas de mortes e de internações por uso abusivo de bebidas alcoólicas no Brasil estão caindo entre os homens e aumentando entre as mulheres, revelam dados de um relatório divulgado nesta quarta (26/07), pelo Cisa (Centro de Informações sobre Saúde e Álcool).

Entre 2010 e 2021, houve alta de 7,5% de mortes e de 5% de hospitalizações totalmente atribuíveis ao álcool entre as mulheres, quando comparadas as taxas por 100 mil habitantes. Elas respondem por 23,6% do total de óbitos e por 29% das hospitalizações no país por esse motivo.

Já entre os homens, foi registrada queda de 8% das mortes e de 13% das internações. Na população como um todo, houve redução de 4,8% e 8,8%, respectivamente, após o pico de mortes no primeiro ano da pandemia de Covid-19.

Embora as mortes e internações femininas associadas ao álcool se concentrem acima dos 55 anos (71,2% e 44,2%, respectivamente), as taxas entre as mais jovens também impressionam.

Em 2021, crianças e adolescentes entre 0 e 17 anos responderam por 2,4% das mortes e por 11,3% das internações. Na faixa etária seguinte, dos 18 aos 34 anos, a participação foi de 7% e 17,8%, respectivamente. Entre 35 e 54 anos, por 19,2% e 26,6%.

No país como um todo, em 2021, foram computadas 69 mil mortes e 335 mil internações associadas ao álcool, de acordo com o relatório, que extraiu dados do Datasus.

Segundo o psiquiatra Arthur Guerra, presidente do Cisa e professor associado da USP, os dados do levantamento corroboram a preocupação com o aumento do consumo abusivo de álcool entre as mulheres nos últimos anos, apontado por vários estudos nacionais e internacionais.

Por consumo abusivo considera-se a ingestão de quatro ou mais doses, para mulheres, ou de cinco ou mais doses, para homens, em um mesmo dia.

Uma dose padrão corresponde a 350 ml de cerveja (5% de álcool), 150 ml de vinho (12% de álcool) ou 45 ml de destilado (como vodca, cachaça e tequila, com aproximadamente 40% de álcool).

"Temos alertado para esse aumento entre as mulheres, mas, para todo mundo, parece que

entra por um ouvido e sai pelo outro. Ninguém dá a menor bola. É urgente a elaboração de medidas voltadas às mulheres", diz Guerra.

Para ele, essa alta do abuso de álcool entre as mulheres pode estar associada a vários fatores, entre os quais a pressão e a cobrança que sofrem no dia a dia. *"Elas tem que trabalhar para fora, tomar conta da casa, dos filhos, estar bonita e magra. O álcool, muitas vezes, é usado para extravasar."*

Aos 45 anos, a funcionária pública Maria (nome fictício) contabiliza as perdas que sofreu por causa do alcoolismo: dois bons empregos, a guarda dos dois filhos, um casamento e um carro destruído em acidente.

O segundo marido, porém, a pegou pela mão e a convenceu a frequentar as reuniões do AA (Alcoólicos Anônimos). Está "limpa" há cinco anos e recuperou a guarda das crianças.

"Eu já abusava do álcool na faculdade, tanto que larguei na metade do curso. Demorou muito para perceber que eu tinha perdido o controle, que estava doente e precisava de ajuda."

A psiquiatra Ana Cecília Marques, do conselho consultivo da Abead (Associação Brasileira de Estudos do Álcool e outras Drogas), chama a atenção para a falta de políticas voltadas ao enfrentamento desse problema.

"Infelizmente há zero de política pública voltada tanto à prevenção quanto ao tratamento de mulheres dependentes do álcool. Há muitas diferenças entre homens e mulheres que precisam ser levadas em conta."

Nesse vácuo, segundo ela, as mulheres se tornaram mais vulneráveis às investidas da indústria do álcool. *"Há toda uma pressão para que as mais jovens bebam cada vez mais. É a garrafinha decorada, colorida, é a bebida mais doce."*

O organismo feminino é mais suscetível aos efeitos nocivos das bebidas alcoólicas. *"Ela tem a doença associada ao álcool mais cedo do que os homens. O homem vai ter cirrose com 55 anos, ela vai ter com 45."*

Marques explica que, por ter maior concentração de gordura corporal (que ajuda a absorver o álcool) e menor quantidade de água em circulação (que permite diluí-lo), a concentração alcoólica no sangue da mulher costuma ser maior mesmo que ela beba a mesma quantidade do homem.

Outra razão, segundo a médica, é que o corpo feminino possui uma quantidade menor de enzimas (desidrogenase) que metabolizam o álcool no estômago.

Por esse motivo, o fígado terá mais dificuldade para digeri-lo e isso aumenta o risco do desenvolvimento de doenças hepáticas, como a cirrose, em menos tempo de uso da bebida.

A psiquiatra diz que outra diferença é a forma como o etanol afeta os liberadores dos hormônios femininos (neuroesteroides). *"Há um impacto no sistema nervoso central. Em poucos anos de consumo excessivo, as mulheres tendem a apresentar lapsos de memória, desequilíbrio motor, problema hepáticos."*

A OMS (Organização Mundial da Saúde) lista mais de 200 doenças e lesões relacionadas ao consumo abusivo de bebidas alcoólicas. Entre elas, a cirrose hepática, alguns tipos de câncer e doenças cardiovasculares, além de lesões resultantes de violência e acidentes de trânsito.

"Depois dessas doenças graves relacionadas ao álcool, vem a mortalidade. Às vezes, a pessoa nem morre, mas fica totalmente incapacitada muito precocemente."

Outra preocupação é com o início cada vez mais cedo do consumo do álcool. De acordo com dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (Pense) 2019, as meninas são mais expostas a essa iniciação precoce: 36,8%, contra 32,3% entre os meninos.

Segundo o levantamento, cerca de 63,3% dos estudantes de escolas públicas e particulares entre 13 e 17 anos já tinham experimentado bebida alcoólica e mais de um terço deles (34,6%) provou pelo menos uma dose antes de completar 14 anos.

"Muitos estão associando cigarros eletrônicos e bebida alcoólica. Tenho uma paciente de 16 anos que a mãe recolheu 12 vapes diferentes e uma garrafa de vodca bonitinha, belezinha, feita para mulher", diz a psiquiatra Ana Marques.

Para ela, uma das estratégias de prevenção seria aumentar a idade mínima para consumo de álcool e a fiscalização. Também considera fundamental o envolvimento das famílias nesse processo.

O relatório do Cisa chama a atenção ainda para as disparidades regionais relacionadas ao uso de álcool. Em 16 estados brasileiros, a taxa está acima da média nacional de óbitos por 100 mil habitantes (32,4 mortes/100 mil hab.).

Em relação ao índice de hospitalizações, 11 estados e o Distrito Federal superaram a taxa nacional (157,7 internações/100 mil hab.).

"É muito importante que os gestores públicos aprofundem essas análises por meio de estudos que investiguem as questões locais que possam estar influenciando o uso nocivo de álcool nas suas populações", afirma Arthur Guerra.

Foto: Divulgação

<https://jornalpanfletus.com.br/cp3.masterix.inf.br/noticia/4778/pais-registra-aumento-nas-taxas-de-mortes-e-de-internacoes-de-mulheres-por-uso-excessivo-de-alcool-em-29/06/2026-20:33>